

# ENSINO MODERNO PÚBLICO NO RIO GRANDE DO NORTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX: EM FOCO OS PASSEIOS EXTRACLASSE DOS GRUPOS ESCOLARES

## MODERN PUBLIC EDUCATION IN RIO GRANDE DO NORTE IN THE TWENTIETH CENTURY THE BEGINNING: THE FOCUS OF SCHOOL GROUPS TOURS EXTRACURRICULAR

**Crislane Barbosa Azevedo<sup>1</sup>**

**Rosa Milena dos Santos<sup>2</sup>**

**RESUMO:** A implantação dos passeios extraclasse nos grupos escolares norte-rio-grandenses, no início do século XX, representou mais uma característica metodológica do ensino primário. A base orientadora era o método intuitivo. Este trabalho busca explicar a organização dos passeios escolares, além de entender sua função dentro do projeto formativo na sociedade republicana. A metodologia utilizada neste artigo foi pesquisa bibliográfica e pesquisa documental com foco, sobretudo, no jornal “A República” referente ao período de 1910 a 1930. Com a investigação sobre os passeios escolares foi possível compreender, em perspectiva histórica, o contexto social, político e cultural da época da implantação dos grupos escolares no Rio Grande do Norte, já que era a partir da prática dos passeios que os alunos entrariam em contato com o mundo e iriam formar suas próprias opiniões a respeito do que os cercavam, desenvolvendo seus sentidos e apropriando-se de conhecimentos.

**Palavras-chave:** Grupos escolares. Passeios escolares. Método intuitivo.

**ABSTRACT:** The implementation of extracurricular tours in North Rio Grande school groups, in the early twentieth century, represented another methodological feature of primary education. The guiding base was the intuitive method. This paper seeks to explain the organization of school trips, as well as understand their role within the training project in the republican society. The methodology used in this article was bibliographic and documentary research focused primarily on the newspaper "The Republic" for the period from 1910 to 1930. With the research on school trips was possible to understand from a historical perspective, the social, political and cultural the time of implementation of school groups in Rio Grande do Norte, as it was from the practice of the rides that students come into contact with the world and would form their own opinions as to what surrounded him, developing your senses and appropriating knowledge.

**Keywords:** School groups. School trips. Intuitive method.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: crislaneazevedo@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: rosamilena3@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, desenvolvida na linha de História da Educação, toma como ponto de partida os grupos escolares e, em grande medida, a imprensa periódica no Rio Grande do Norte do início do século XX. Pesquisar sobre educação em perspectiva histórica possibilitou-nos perceber o papel da administração pública sobre a formação dos cidadãos na defesa de um ensino moderno (intuitivo) e de qualidade e na preocupação com experiências de caráter disciplinar, moral, cívico e patriótico e ainda sobre o papel dos sujeitos formadores, destacando-se, por exemplo, o lugar ocupado pela mulher a partir do momento da instituição dos grupos escolares, quando ela passa a adquirir o status de profissional da educação.

Por meio desta investigação foi possível percebermos, especificamente, os meandros de processos escolares próprios do ensino primário, com atenção para o material pedagógico e escolar, a estrutura do prédio, a regulamentação do ensino, o papel dos inspetores bem como o trabalho dos professores e suas práticas voltadas para métodos de ensino considerados modernos. Desse último aspecto, destacamos os passeios escolares, sobre os quais discorreremos neste artigo.

Dessa forma, buscamos analisar a prática dos passeios escolares presentes nos grupos escolares do Rio Grande do Norte (RN), do início do século XX, com atenção às suas características, princípios e finalidades. Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica e documental. Esta última com atenção especial à imprensa local, especificamente ao jornal "A República", do período de 1910 a 1930. Foi por meio do contato com as publicações deste periódico, que registravam a presença dos passeios extraclasse, que despertamos para esta pesquisa. Acresce a isso o fato de ser a fonte "jornal" ainda pouco utilizada nas pesquisas sobre grupos escolares norte-rio-grandenses.

A partir de mudanças ocorridas na produção historiográfica ocidental no século XX, que ampliaram a noção de fonte e de sujeito histórico, e, portanto, do campo de atuação do historiador, construiu-se a possibilidade de trabalho com diferentes tipos de documentos, a exemplo, dos jornais. Como registra Bezerrill (2011, p. 3), sobre a consideração do jornal como fonte e suas potencialidades:

[...] a imprensa, particularmente a impressa, tem propiciado não apenas o alargamento das fontes do historiador, mas principalmente a possibilidade de verificar e conhecer, dentre outros, as transformações das práticas culturais, os comportamentos sociais de uma referida época, as manifestações ideológicas de certos grupos, a representação de determinadas classes e a visibilidade dos gêneros.

Analisar esse tipo de fonte exige do pesquisador muita atenção. Apesar de nos colocar diante das transformações de diferentes épocas, é preciso que tenhamos ciência dos condicionantes que fazem parte do processo constitutivo dessa fonte. Ou seja,

[...] ao analisarmos os mais variados componentes dos jornais, devemos levar em conta que o jornalismo trata-se de uma atividade de cunho político-ideológico influenciado pelo seu meio social e histórico. Isso significa dizer que não existe neutralidade no jornalismo, já que esse setor é condicionado por fatores externos (culturais, sociais, políticos, econômicos) e internos (questão de organização e de adequação à equipe que compõem a redação). (BEZERRIL, 2011, p. 4).

Apesar do atual reconhecimento das possibilidades de análise sobre o passado a partir dos jornais pelos historiadores, Calonga (2012, p. 86) nos lembra que “[...] contudo, a inserção dos impressos na produção historiográfica brasileira, especialmente o uso de jornais, revistas, folhetins e edições ilustradas, ainda é recente se comparado a Europa e Estados Unidos”. Essa afirmação cabe bem, de forma específica, também, para as pesquisas sobre grupos escolares no Rio Grande do Norte. Por isso, o despertar do interesse em investigarmos tal temática a partir da consideração também desse tipo de fonte documental, contribuindo, assim, como afirma Calonga (2012), para a consolidação de trabalhos de pesquisa que usam o jornal como fonte. Como afirma o autor:

Somente nos últimos anos, os trabalhos que se valham de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil se consolidaram. Identificam-se, a partir daí, relativo aumento na utilização dos periódicos como documento e objeto de pesquisas, incluindo-se dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações de artigos e/ou livros. (CALONGA, 2012, p. 86)

A ênfase no trabalho com a fonte "jornal" não excluiu o estado de outros documentos, como Regimento Interno dos grupos escolares e relatórios de profissionais ligados ao ensino. Todo o trabalho de questionamento às fontes proporcionou-nos perceber, para além das especificidades dos passeios escolares dos grupos, a relação da educação com a sociedade; o imbricamento entre educação, preocupações políticas e condicionantes econômicos; e uma perspectiva mais geral sobre a sociedade da época.

## **OS GRUPOS ESCOLARES E O MÉTODO INTUITIVO**

A implantação dos grupos escolares no Rio Grande do Norte (RN) ocorreu em 1908, mediante o Decreto nº 178, daquele ano, que restabeleceu a Diretoria Geral da Instrução Pública criando a Escola Normal de Natal e os grupos escolares (AZEVEDO; STAMATTO, 2012). Os grupos escolares no RN foram uma maneira de propagar para a população o modelo de ensino moderno pautado nos ideais republicanos do final do século XIX e início do século XX. Por meio deles foram instituídas normas, procedimentos e regulamentos necessários para a construção de um modelo escolar de qualidade e com disciplina para toda a sociedade. Entre esses procedimentos estavam os passeios escolares, que representaram mais um suporte para o processo de escolarização dos alunos daquela época, cuja aprendizagem era realizada pelo método intuitivo, de acordo com o ensino moderno.

**Figura 1** – São José - Grupo Escolar Felipe Camarão, Ceará-Mirim/RN



Fonte: Coleção Fotográfica Ministro Augusto Tavares de Lyra, cedida por Francisco Anderson Tavares de Lyra Silva à [nome da autora deste artigo].

Os grupos escolares norte-rio-grandenses, assim como ocorreu em outros estados, foram formados pela reunião das escolas isoladas<sup>3</sup>. No Rio Grande do Norte (RN) foram

---

<sup>3</sup> Estas eram instituições que também atendiam o público do ensino primário. Mas, diferentes dos grupos, conviviam com grandes limites no seu funcionamento. A multisseriação era uma de suas características. Atendiam aos locais com menor quantidade de alunos, a qual ainda não sustentava a necessidade de um grupo escolar. De modo geral, não possuíam prédio próprio para os serviços de instrução, funcionando, em grande parte na própria casa do professor, ocasionando mistura entre a cultura do lar e a cultura escolar.

construídos prédios únicos para essa junção de escolas, que se caracterizavam por uma arquitetura com influências francesas e neoclássicas, porém de modo mais simples e modesto, sem muitos detalhes em sua estrutura se comparados a edifícios de grupos implantados em outros estados<sup>4</sup>. De acordo com o relatório do Departamento de Educação apresentado pelo Dr. Nestor dos Santos Lima, em 1926, a construção dos prédios escolares, além de seguirem os preceitos higienistas e pedagógicos, possuíam um aspecto arquitetônico de beleza, comodidade e solidez:

As construcções, ora inauguradas, além de contarem os requisitos hygienicos e pedagogicos ao alcance das nossas possibilidades, possuem bom aspecto architectonico, belleza, commodidade e soidez.

Em geral, ellas obedecem ao plano deste Departamento, isto é, constam de um vasto sagão, ou corredor de entrada, ladeado pelas salas de [ilegível], a directoria e o archivo, tendo as salas as dimensões mais apropriadas ao "meio", e aos seus fins.

**Figura 2** – Grupo Escolar Quintino Bocayuva, Santa Cruz/RN.



**Figura 4** - Grupo Escolar Duque de Caxias, Macau-RN.

Fonte: Coleção Fotográfica Ministro Augusto Tavares de Lyra, cedida por Francisco Anderson Tavares de Lyra Silva à [nome da autora deste artigo].

<sup>4</sup> É possível encontrarmos descrições mais ou menos detalhadas acompanhadas de imagens dos prédios dos grupos escolares, as quais demonstram a grandiosidade e o requinte do detalhamento arquitetônico, nos trabalhos, por exemplo, de Castro (2009) sobre os grupos no Paraná, Souza (1998) sobre os grupos em São Paulo, Faria Filho (2000) sobre Minas Gerais, Azevedo (2009) sobre Sergipe, Ermel (2009) sobre o Rio Grande do Sul, e, Silveira e Bonato (2009) sobre o Rio de Janeiro.

Suas localizações eram no centro de Natal, a capital, e posteriormente nas sedes de municípios, com o intuito de atingir o maior número de crianças que precisavam do ensino escolar primário. Os preceitos de higiene sempre foram um motivo de preocupação nos grupos escolares do RN, sempre situados em terrenos elevados e secos, afastados de centros com grandes atividades industriais e lugares suspeitos, além das salas de aulas serem bem arejadas e iluminadas pelo sol, tendo capacidade de, no máximo, quarenta alunos por sala, mantendo a estrutura do prédio retangular medindo seis metros de largura por sete de comprimento, com um pé direito de quatro metros, como determina o Código de ensino de 1913 (Lei n. 359, de 22 de dezembro de 1913).

O ensino moderno ministrado nos grupos escolares era pautado no método intuitivo ou lições de coisas. Esse método consistia em fazer com que o aluno, através de seus sentidos, como o tato, a audição, o olfato e a visão, avaliassem um determinado tipo de objeto estudado, com o objetivo de construir uma opinião formada por eles mesmos. Os alunos utilizavam a visão para a observação dos objetos e, com isso, desenvolveriam seus sentidos, com o intuito de saber do que aquele objeto estudado se tratava, fazendo com que seus órgãos de inteligência fossem exercitados, incentivando-os a pensar, exprimir seu pensamento e imaginar. Por isso, esse estímulo poderia incentivar os discentes a querer pesquisar e raciocinar, para depois concluir, considerando essas etapas como método intuitivo ou lições de coisas, como declara Charles Delon (*apud* BASTOS, 2013, p. 5), para o qual o método intuitivo foi um instrumento de instrução e de educação:

Só a lição de coisas coloca o aluno na presença dos fatos materiais, com realidades visíveis e tangíveis, não mais de abstrações. A lição intuitiva dá às coisas e palavras, às palavras com as coisas - observação dos fatos e comunicação da linguagem. Mas é do ponto de vista educativo que a lição de coisas tem mais valor. Ela tem essencialmente por objetivo desenvolver e exercitar os órgãos, a inteligência, o julgamento; de suscitar o espírito de observação e pesquisa, a iniciativa pessoal; comparar com outros objetos, generalizar suas observações, raciocinar e concluir. Apela para todas as faculdades e operações de sua inteligência. Convida a pensar e a exprimir seu pensamento, a imaginar. Desenvolve o ser física e intelectualmente, os sentidos e a alma, o senso prático e o senso moral e estético. Serve para o ensino coletivo e essencialmente oral.

Os princípios desse método sobre o conhecer apontam que a produção de conhecimento inicia-se com as atividades dos sentidos, as quais produzem as percepções sobre o mundo, tornando-se ponto de partida para a construção das ideias que, analisadas, produzirão o dito conhecimento (AZEVEDO, 2009, p. 159). Os passeios escolares eram meios para que as

crianças se apropriassem do mundo vivo, desenvolvendo sua capacidade de raciocínio e de construção do conhecimento. Formam, assim, uma prática intuitiva, em termos metodológicos.

O novo método de ensino intuitivo dava mais autonomia ao professor para criar processos naturais de aprendizagem, com o objetivo de fazer com que os alunos desenvolvessem, de forma autônoma, suas atividades. Segundo Azevedo e Stamatto (2012, p. 56-57):

o método intuitivo era um conjunto de propostas diversas e difusas em várias obras e iniciativas. Tais propostas consistiam em um conjunto de procedimentos metodológicos destinados a orientar a prática pedagógica de professores e da escola primária. De acordo com os princípios sobre a aprendizagem nos quais se fundamenta esse método, o ato de conhecer inicia-se nas operações dos sentidos sobre o mundo exterior. A partir de tais operações, seriam produzidas as sensações e percepções sobre fatos e objetos, ponto de partida para a construção do conhecimento.

O ensino intuitivo se baseava no processo de educação pautado nos sentidos e na experiência. Nos sentidos, pois os alunos iriam tocar os objetos estudados, conhecendo na prática o que as professoras ensinavam, e na experiência porque os discentes teriam a oportunidade de sempre conhecer e ter contato com algo novo, adquirindo, assim, mais experiência e exercitando sua capacidade de formar opiniões próprias a respeito de um determinado objeto. Segundo Azevedo e Stamatto (2012, p. 57):

De acordo com a pedagogia dos processos intuitivos, a aprendizagem deveria ser feita mediante as coisas e a experimentação. As coisas seriam os objetos de conhecimento dos alunos; o conhecimento humano seria fruto das percepções sobre os objetos, proporcionados pelos sentidos, a partir das quais as idéias seriam desenvolvidas. Além desse pressuposto, para o benefício dos processos intuitivos, a experiência baseada nos sentidos deveria ser associada à recreação e ao prazer, estratégia para o desenvolvimento da criatividade dos alunos com o fito de levar à educação intelectual.

Percebemos, assim, a relação direta entre método intuitivo e o estabelecimento dos passeios escolares. Por meio destes, a maneira de enxergar o mundo poderia ganhar outra perspectiva, já que os alunos poderiam desenvolver o desejo pelo conhecimento que poderia ser formulado por eles mesmos sob a orientação do professor, e através do contato que estavam tendo com o mundo vivo.

## OS PASSEIOS ESCOLARES: OBSERVAÇÃO E ESTIMULAÇÃO DOS SENTIDOS

Os passeios, como uma prática metodológica intuitiva, começavam a fazer parte de sistemas de ensino de diferentes países a partir do final do século XIX. Cardoso (2008) mostra em seu estudo, para citar alguns exemplos, que, entre 1879 e 1897, tem-se registros da prática na França e na Espanha. A partir de 1904, de modo geral, os passeios escolares começam a ser registrados nas escolas primárias do México. Na Argentina estão presentes desde, pelo menos, os anos de 1910, conforme regulamentação do ensino, que dispunha sobre a realização mensal de um passeio escolar, o qual deveria ser realizado a partir de um bem projetado planejamento de ação educativa e instrutiva.

No Rio Grande do Norte, de acordo com o diretor da Instrução Pública, Dr. Manoel Dantas, que estabeleceu em 1913 o Regimento Interno dos Grupos Escolares, estava determinado para todos os grupos escolares e escolas isoladas: “[...] a obrigatoriedade dos passeios escolares mensaes, que se destinam não só á cultura physica dos alumnos como á aproveitosas licções de coisas.” (Instrução Publica. *A Republica*, 20 de abr. 1914, n. 86, p. 01)<sup>5</sup>.

Os passeios escolares eram necessários para a instrução pública. Eles eram responsáveis pelo desenvolvimento dos alunos e pelo grande alcance que a propaganda do ensino moderno alcançava nas localidades. Deveriam ser efetuados uma vez por mês, conforme determinou o Regimento Interno dos grupos. Eram chamados também de atividades escolares e extraescolares. Por meio deles a aula deixaria de ser ministrada em salas do prédio escolar, tendo a função de colocar em prática o método da observação e estimulação dos sentidos dos alunos, ou seja, a orientação era o método intuitivo, considerado uma inovação pedagógica, na época. As autoridades deveriam contar com a participação dos alunos, já que, mesmo fora da sala de aula, eles tinham a oportunidade de aprender através da interação com o mundo, aspecto próprio do método intuitivo.

Os passeios escolares eram um modo de lazer, de recreio e diversão que aproveitava a natureza como um objeto de estudo transformando-se, assim, também em mecanismo de aprendizagens. Nesta linha de pensamento, Cardoso (2008) afirma que os passeios escolares, do ponto de vista do ensino moderno, pautado no método intuitivo, foi uma inovação pedagógica que envolvia atividades lúdicas e aprendizagens, fazendo com que o aluno,

---

<sup>5</sup> Neste artigo, os trechos extraídos de documentos de época têm respeitada a grafia original.

através da observação, fizesse a análise tanto dos objetos quanto dos materiais didáticos como mapas, globos e livros:

Estas modernas práticas de ensino, discutidas e aplicadas no Brasil, estão presentes na reforma do ensino público de 1892, que tornou obrigatórios os procedimentos intuitivos. A recomendação para a aplicação do ensino intuitivo destinava-se a todas as matérias científicas do currículo escolar, desde aritmética e ciências físico-naturais (lições das coisas) até o ensino de Geografia e História e os trabalhos manuais. Os passeios escolares, no aspecto da metodologia intuitiva, foi uma das inovações pedagógicas mais simpáticas, em virtude de suas atividades lúdicas e de sua aprendizagem, e em várias ocasiões, fora da sala de aula. (CARDOSO, 2008, p. 96).

Por meio dos passeios os alunos saíam da escola. A relação da classe com a rua tinha o objetivo de relacionar e ocasionar uma interação da escola com a comunidade, promovendo, dentro da classe, discussões sobre tudo que compunha a escola como seus objetos (materiais pedagógicos e escolares). Isso fazia com que os alunos pegassem e falassem desses objetos, dando sua opinião e fazendo sua crítica a respeito do objeto estudado. Fora da classe, nos passeios escolares, havia o mesmo propósito, estimulando os alunos a desenvolver seus próprios conceitos a respeito do que os cercavam.

Isso fica perceptível na comunicação do diretor do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, do Assú-RN, sobre o passeio escolar realizado em fevereiro de 1914 (Instrução Pública. *A Republica*, 1914, n. 86). O local a ser visitado localizava-se perto da margem de um lago contornado por carnaubais, onde foram explanados ali, termos geográficos que proporcionaram aos alunos o pegar com suas próprias mãos os objetos que aquele local oferecia, fazendo com que fosse despertado nos alunos o interesse pela natureza e tudo a sua volta, formando seus próprios conceitos sobre os objetos estudados.

Todo professor deveria fazer uma descrição do passeio escolar, mostrando qual lugar seria visitado, quais os aspectos do lugar deveriam ser observados, o que continha em volta do ambiente, qual era a distância do local visitado ao grupo escolar em que ministrava aulas, quantos alunos participaram do passeio, além de explicar ao que cada ambiente remetia. Por exemplo, se eles fossem visitar um lago em cujo entorno tivessem carnaúbas ou diferentes árvores, no lugar seria explanada a aula de geografia, que fazia com que os alunos pegassem com suas próprias mãos a areia e a água, aguçando seus conhecimentos pela natureza e seus fenômenos, mostrando, também, os possíveis acidentes geográficos causados tanto pela natureza quanto pelo homem, como mostra o diretor do Grupo Escolar Tenente Coronel Correia, do Assú-RN, para o diretor geral da Instrução Pública, em 1914:

[...] Cumprindo o que dispõe o ar. 21 do Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas, levo ao vosso conhecimento que hontem, 10 de março, pelas 6 horas da manhã em companhia de todas as classes deste grupo, fiz um passeio escolar ao sitio –Mês Amours- distante deste local mais ou menos um kilometro, onde, á margem de aprazível lago, contornando de verdes carnaubaes, algodeiros e milharaes, explicamos às classes os termos geographicos, que ellas por suas próprias mãos, conduzindo areia em pequenas vasilhas, concretisaram, formando, com a dita areia, na agua rasa, ilhas, penisulas, cabos, isthmos, costas etc, emquanto ao mesmo tempo, o seu relevo deixava ficar bem representado, oceanogolfos, estreitos, etc.

Na mesma ocasião, foi também-da-da uma explicação concretisada, sobre vulcão, despertando nos alumnos positivos interesses por conhecerem suas naturezas, erupções, etc.[...]. (Instrução Publica. *A Republica*, 20 de abr. 1914, n. 86, p.02).

No Grupo Escolar Thomaz de Araujo, em Acari-RN, também era possível observar os ensinamentos geográficos realizados em um passeio escolar na fazenda chamada “Fortaleza do Felipe”. Na ocasião, o ensino sobre os terrenos e sobre a composição calcária e argilosa da terra era evidenciado, como podemos ver no trecho abaixo, publicado na imprensa local:

[...] Grupo Escolar “Thomaz de Araujo” (Acary) – A 30 do mez passado, a escola isolada masculina fez um passeio escolar na fazenda “Fortaleza do Felipe”, propriedade do coronel Santa Rosa, comparecendo 15 alumnos. Nesse local foram estudados diversos terrenos de aluvião e terrenos de composição calcarea, argilosa, humosa, dando o professor, breves palavras, a importância de cada um, quanto a produção dos cereais,do algodão,&. Depois da lição, ouvida com muito proveito, seguiu-se uma parte recreativa, constante de callistenica e jogos infantis. [...] (Pelo ensino. *A Republica*, 24 de ago. 1920, n. 188, p. 01).

Se o local visitado tivesse uma sombra de árvores, no local era passado o ensinamento sobre a origem do fruto, das folhas, e sobre a terra, a fim de exaltar a natureza. Eram ensinadas noções de botânica e, ao mesmo tempo em que eles desenvolviam esse interesse por conhecer algo novo, eram explanados outros tipos de explicações que se relacionavam com o que eles estavam vendo e tocando, conforme mostra o registro feito pelo diretor do Grupo Escolar Tenente Coronel Correia:

[...] Em seguida, depois de entoado pelos alumnos em geral o Hymno Sertanejo Asssuense, letra e musica da competente professora Maria Carolina Wanderley Caldas, dirigimo-nos para a sombra de frondejantes copas de joazeiros, onde foi dada ás duas primeiras classes uma lição de botânica, objectivada nas diversas arvores que nos circumdavam, com especialidade a carnaubeira, dando todas as lições magnífico resultado e mostrando-se os alumnos summamente satisfeito. [...]

Durante o recreio, os alumnos entretiveram-se em trepar a pequena arvores, colher o fructo que lhes era explicado á vista, deram-se á pesca de linha, cuja arte era também explicada, demonstrando os alumnos sempre bom aproveitamento. [...] (Instrucção Publica. *A Republica*, 20 de abr. 1914, n. 86).

No Grupo Escolar Pedro Velho, em Canguaretama-RN, em 1920, era observado o ensinamento sobre a planta, sendo apresentadas aos alunos, as espécies vegetais, suas partes e sua função, como podemos ver a seguir, no registro publicado na imprensa local da época:

[...] Grupo Escolar “Pedro Velho” – (Canguaretama). A 24 no passado, fez um passeio no sitio “jiquy”, de propriedade do professor José Rodrigues, presentes 80 alumnos. A professora Guiomar de Vasconcelos deu uma lição geral sobre a planta, apresentando aos alumnos diversas espécies e vegetaes, suas partes, funções e utilidade. Durante o dia, passaram as creanças e varias pessoas gradas/da localidade em animado pic-nic, regressando á tarde, na melhor ordem entoando cantos escolares, dando vivas aos professores e ás autoridades de ensino. [...] (Pelo ensino – passeios escolares. *A Republica*, 23 de ago. 1920, n. 187, p. 01).

A realização dos passeios escolares, além de momentos de aprendizagem relativos às disciplinas escolares, podia converter-se também em momentos de exaltação cívica e dos poderes instituídos em meio a processos de interação escolar e social, como vemos no registro sobre o passeio ocorrido com os alunos do Grupo Escolar Pedro Velho. O encontro com autoridades, o canto de hinos e o exercício da saudação aos presentes remete a um processo formador para além da escolarização. Os alunos eram formados como sujeitos de um regime republicano e precisavam apropriar-se dos signos políticos da época.

Sobre as especificidades dos passeios vale exemplificar que, se o local a ser visitado fosse uma indústria de tecidos, por exemplo, eram mostrados o processo de fabricação e as fases pelas quais o produto passava, até chegar a seu resultado final; sendo assim, os ensinamentos eram realizados pelos professores e pelo responsável do local da visita. Tudo isso tornava o passeio um ambiente de contemplação pelos alunos, que participavam e prestavam atenção ao que lhes era ensinado, como apresenta o registro do Grupo Escolar Augusto Severo, em Natal-RN, publicado no jornal "A Republica":

Grupo Escolar “Augusto Severo” – (Natal), a 29 no passado, fez um passeio consistindo em uma visita ás fabricas de fiação de tecidos, de propriedade da industrias Reunidas, previamente solicitado, comparecendo com o diretor, todos os professores, normalistas e 215 alumnos de todos os cursos e escolas isoladas. Obtido o consentimento do gerente das fabricas, sr. Angelino Poró, os visitantes foram recebidos pelos srns. Ottomar Keppel e José Potyguar Pinheiro, contador e escripturario, que facultaram a entrada nas fabricas,

onde o mestre Raul Golveia mostrou todas as secções, desde a entrada do algodão em pluma, até a do seu acabamento e enfiamento, passando pela de fiação, tecelagem, engomadeira, que todas funcionavam na mesma ocasião, sendo dadas as necessárias explicações aos alumnos tanto pelos mestres, como pelos professores. Em seguida foi visitada a fabrica de sabão, onde os alumnos instruídos sobre a respectiva fabricação. Concluída a visita, as escolas dirigiram-se á explanada da rua Silva Jaadim, onde se realizaram visitas aos edificios da E.F Central, a merenda e o recreio, jogos infantis, callisthenica e actos escolares. (Pelo ensino - passeios escolares. *A Republica*, 23 de ago. 1920, n. 187).

Os passeios escolares aconteciam em fazendas, instituições industriais e culturais, além dos locais já citados. Os passeios eram a materialização do método intuitivo, ou seja, era nos passeios escolares que os alunos e as alunas iriam observar a relação da teoria que era dada em sala de aula com as práticas realizadas nas vivências dos sujeitos, interagindo com os aspectos econômicos, políticos, físicos e sociais, além de receberem das professoras todas as explicações referentes ao local visitado, como afirma Silva (apud GOMES; ARAÚJO, 2010, p. 97):

[...] recebiam explicação sobre os termos geográficos, que elas por suas próprias mãos, conduzindo a areia em pequenas vasilhas, concretizavam, formando, com a dita areia, na água rasa, ilhas, penínsulas, cabos, istmos, costas, enquanto ao mesmo tempo, o seu relevo deixava ficar bem representados, o oceano golfos, estreitos, dentre outros. Os alunos recebiam, também, explanação concreta sobre o vulcão, despertando nos discentes interesses por conhecerem suas naturezas, erupções.

A relação do professor com o aluno era harmoniosa. O professor tinha o papel de transmitir os conhecimentos necessários para formar um cidadão responsável, com caráter e disciplina; sendo assim, não era só mudar de um ambiente para o outro, pois a relação de ensino e de aprendizagem não sumia, ao contrário, continuava. A prática dos passeios escolares, como já foi dito, era essencial e necessária para o aluno, já que ele ia ter contato com o mundo e tirar conclusões a partir de suas próprias opiniões e experiências aguçando o desejo pelo conhecimento, como mostram Araújo e Praxedes (2013), segundo os quais: “os alunos poderiam explorar os seus arredores saciando as suas curiosidades, possibilitando uma aula mais fascinante aos alunos que iriam explorar o meio ambiente e o meio social com as suas próprias concepções”.

Por isso, em todas as ocasiões dos passeios escolares, os professores tinham a preocupação de ensinar e passar exercícios que eram chamados de lições de coisas, para fazer com que os alunos se apropriassem dos conhecimentos trabalhados, e não apenas memorizassem. Os alunos tinham a função de prestar atenção às aulas ministradas tanto

dentro dos grupos escolares como fora deles, fazendo os exercícios e se deparando com a formação de seus próprios conceitos a respeito dos ensinamentos que lhes eram proporcionados

## CULTURA FÍSICA, HIGIENE E CIVISMO NOS PASSEIOS ESCOLARES

Por meio do ensino primário daquela época, início do século XX, desejava-se desenvolver a educação intelectual, moral e física dos alunos, com a finalidade de buscar um plano de estudo pedagógico para se adequar à escola moderna, tendo o objetivo de desenvolver a intelectualidade, a moral, o físico e o civismo dos alunos, como declara Cardoso (2008), concretizando o patriotismo, a ordem e o progresso que os administradores republicanos propunham com a nova organização escolar materializada nos grupos escolares.

A preocupação com as práticas corporais das crianças foi ganhando grandes proporções, fazendo com que fossem implantados os exercícios calistênicos dentro dos grupos escolares, exercícios que também faziam parte do novo modelo de ensino. Eles eram voltados para o desenvolvimento físico da criança. Segundo Faria Filho e Vago (2001), os exercícios físicos foram cuidadosamente posicionados entre as demais disciplinas, porque eram considerados recurso de higiene, ou seja, para estes autores, era preciso que os alunos usufríssem de momentos de relaxamento entre as disciplinas elencadas dentro dos grupos escolares, pois, além do aluno relaxar fisicamente para compreender melhor as aulas, os exercícios calistênicos eram um recurso de higiene, já que proporcionavam uma vida mais saudável, com práticas saudáveis. Tais práticas foram combinadas com os passeios escolares.

A higiene era voltada às preocupações com a iluminação dentro das salas de aula, à aeração do ambiente, ao direcionamento do grupo escolar e ao asseio tanto do prédio escolar quanto dos alunos, bem como para atenção à saúde das crianças, por meio da vacinação. Além dessas preocupações, os preceitos higienistas tinham o objetivo, também, de cultivar o corpo dos alunos, retirando todos os malefícios, as doenças e os vícios. Ao invés de um corpo fraco e raquítico, o corpo da sociedade republicana deveria ser saudável, belo e forte. Era por isso que os preceitos de higiene sempre estavam aliados a uma corporeidade mais saudável e com mais sensibilidade. Por isso, os exercícios calistênicos eram considerados um recurso higiênico.

Os exercícios calistênicos ou de Calistenia eram tanto higiênicos quanto educativos, como afirma Marinho (apud VAGO, 1999, p. 263). Eram higiênicos porque tinham o objetivo de

produzir força, beleza e equilíbrio no corpo dos alunos. Eram considerados uma forma de higienizar o corpo dos discentes. Eram também educativos, pois eram feitos ao ar livre e consistiam em um modo rítmico de educar o corpo a se comportar em determinados ambientes, dentro ou fora das salas de aula, mantendo a postura, entre outros aspectos. No regimento interno dos grupos escolares e escolas isoladas do Rio Grande do Norte, de 1914, os exercícios físicos deveriam ser feitos nos passeios escolares com cânticos, corridas e jogos infantis: "Exercicios Physicos [...] No recreio: Brinquedos e jogos infantis com canticos. Corridas até 20 metros, durante nunca mais de 15 minutos. Em passeios escolares: os mesmos do recreio." (RIO GRANDE DO NORTE, 1914)

Era evidente a preocupação com os exercícios físicos, como mostra o registro do jornal "A Republica" de 11 de abril de 1918. Nesse registro, percebemos que o Grupo Escolar Moreira Brandão, em Goianinha-RN, recebeu o inspetor de ensino Amphiloquio Câmara, que identificou a falta dos exercícios calistênicos, tão importantes, segundo ele, para a formação moral de um cidadão, registrando que: "[...] Os seus discipulos são por demais irrequietos e palradores, nenhuma atenção prestando aos exercicios escriptos ou callisthenicos e lições oraes. [...]". Dando sugestões para a resolução desse problema, declarava, em seguida:

[...] Como remate e em complemento dos esclarecimentos que tive ensejos de fornecer verbalmente aos professores, recommendo-lhes [...] que exijam de seus alumnos um pouco mais de correcção, de elegancia nos exercicios callisthenicos e uma marcha mais surda, mais cadenciada. Grupo Escolar <Moreira Brandão>, em Goyaninha, 11 de Abril de 1918. (a) Amphiloquio Carlos Soares da Camara, Inspector de Ensino. [...] (Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Moreira Brandão. *A Republica*, 10 de maio. 1918, n. 104, p. 02).

Os exercícios calistênicos eram práticas corporais que não ocupavam, no currículo, um lugar específico como matéria independente. Essas práticas poderiam ser iniciadas no recreio ou até mesmo em marchas, com os alunos fardados, em filas e em colunas, realizadas nos grupos escolares ou fora deles, para a educação e higiene corporal do cidadão republicano. Com isso, os movimentos dos exercícios calistênicos levariam as crianças a ter a pretendida racionalidade corporal que era objetivada no início do século XX, educando o corpo dos alunos com o intuito de fazê-los belos e fortes, como declara Vago (1999, p. 267).

Importante, também, eram os hinos cantados depois de visitar um local de passeio, ou seja, a cada ambiente diferente de visita, era cantado um hino pelos alunos e professores do grupo. Em alguns casos, ao regressar para o grupo escolar os alunos entoavam os hinos escolares, dando vivas aos professores e às autoridades de ensino.

O canto frequente dos hinos proporcionava à escola um caráter cívico, que formava uma tradição escolar com valores culturais voltados ao governo republicano. Os hinos disciplinavam os alunos. Eles faziam com que o ideário e os costumes republicanos entrassem na vida da sociedade, com o objetivo de ordenar tudo, mostrando o ato de civilidade, a disciplina e o progresso que os representantes do novo regime político republicano propunham, tanto para a escola como para a sua metodologia do ensino, incluindo, também, os passeios escolares.

Os hinos escolares concretizavam o civismo. Eles motivavam os professores e alunos para darem início às atividades que a escola moderna propunha, utilizando os instrumentos da pedagogia cívica vista naquela época, como declara Azevedo (2011).

Pudemos observar todo esse civismo e a presença eminente desses cânticos nos passeios escolares, como no passeio do Grupo Escolar Pedro Velho, em Canguaretama-RN, no qual os cânticos escolares estiveram presentes, como se vê na publicação abaixo:

Grupo Escolar “Pedro Velho” – (Canguaretama). A 24 no passado, fez um passeio no sitio “jiquy”, de propriedade do professor José Rodrigues, presentes 80 alumnos. [...] Durante o dia, passaram as creanças e varias pessoas gradas/da localidade em animado pic-nic, regressando á tarde, na melhor ordem entoando cantos escolares, dando vivas aos professores e ás autoridades de ensino. (Pelo ensino – passeios escolares. *A Republica*, 23 de ago. 1920, p. 187).

Após o passeio escolar, ocorria a parte recreativa, com jogos infantis, exercícios físicos, atividades com brinquedos, carreiras e cantos escolares. Essa parte recreativa tinha o objetivo de formar um cidadão competente, com disciplina e responsabilidade, já que tinha a finalidade de dar uma formação integral ao cidadão, alimentando não apenas a mente, mas também seu corpo com os exercícios físicos e ginásticos. Mas, os passeios escolares foram uma realidade em todos os grupos norte-rio-grandenses, conforme determinava o Regimento dos grupos escolares?

Em alguns grupos escolares o cumprimento do Regimento Interno era bem executado, como mostra o termo de visita do inspetor de ensino Amphiloquio Câmara, em visita ao Grupo Escolar Pedro Velho, em Canguaretama-RN, em 18 de junho de 1918:

[...] os passeios escolares têm sido effectuados com pontualidade bem como foi a <festa das arvores>, merecendo menção especial o passeio e acampamento realizados em pittoresco sitio, a 13 de Maio, do qual sò ouvi falar bem, com entusiasmo, as pessoas com quem privei [...] (Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Pedro Velho. *A Republica*, 04 de jul. 1918, n. 146, p. 02).

Além de serem bem executados, os passeios escolares eram realizados com regularidade em alguns grupos escolares, como no Grupo Escolar Senador Guerra, em Caicó-RN, visitado pelo Dr. Amphiloquio Câmara, no dia 16 de agosto de 1922, como se vê no registro a seguir, divulgado, na época, na imprensa:

[...] Os passeios escolares mensaes teem sido feitos regularmente, e a escripturação escolar está em dia, lançada com o devido cuidado, excepção dos diarios de classe, nas tres escolas, á falta de livros apropriados [...] (Pelo ensino – visitas escolares. *A Republica*, 21 de set. 1922, n. 207, p. 02).

Apesar de, em alguns casos, não terem sido registrados pelos profissionais da instituição escolar, os passeios ocorriam, como mostra o termo de visita elaborado por Amphiloquio Câmara, inspetor do ensino, em companhia do Sr. Francisco Linheiro Alvez de Souza, presidente da intendência local, ao visitar o Grupo Escolar José Rufino, na Villa de Angicos-RN, encontrado no Jornal “A Republica”, de 17 de agosto de 1920, (n.182, p. 01): “[...] Os passeios escolares, salvo os dos mezes em que a professora esteve licenciadas, foram realizados, embora se não tinha feito o respectivo registro [...]”.

O aproveitamento verificado nos alunos era de extrema importância, pela harmonia que eles tinham ao entrar em contato com o mundo diferente da sala de aula, dando aos passeios escolares uma grande utilidade, na educação física, mental e cívica dos alunos, pondo-os em contato com a natureza e diferentes instituições do estado (como indústrias), despertando e desenvolvendo, neles, sentimentos morais e patrióticos.

Porém, em muitos grupos escolares o Regimento Interno estabelecido pelo diretor da Instrução Pública não chegava a ser executado, devido, em alguns casos, a situações inevitáveis, como a grande quantidade de chuva em um determinado período do ano que a professora escolheu para realizar o passeio escolar, como mostra o termo de visita do Grupo Escolar Fabricio Maranhão, na villa de Pedro Velho-RN, em 20 de junho de 1918, feito por Amphiloquio Câmara, inspetor de ensino, e publicado em jornal da época:

[...] A professora da cadeira apresentou seus motivos de ordem local que dificultaram e impediram a celebração da *feira das arvores*, a 1º de Maio e justificou com as pesadas chuvas que tem cahido o facto de não ter realizado os passeios escolares mensaes.

Entretanto, cumpre-me recommendar-lhe a observancia, tanto de uma como de outra coisa, levando ao conhecimento do director geral da Instrucção Publica os motivos e causas que sempre impediram a execução de qualquer

serviço. [...] (Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Fabricio Maranhão. *A Republica*, 08 de jul. 1918, n. 149, p. 02).

Em outras ocasiões, os passeios eram esquecidos pelos professores dos grupos, fazendo com que o inspetor de ensino, que visitava esses grupos, lembrasse os professores, por meio de seu termo de visita, da obrigatoriedade do cumprimento do Regimento, chamando sua atenção e prestando esclarecimentos no sentido de realizar essas reuniões tão úteis ao desenvolvimento do aluno, segundo o inspetor, como mostra o termo de visita do Grupo Escolar Capitão Mór Galvão, em Currais Novos-RN, de 6 de julho de 1918, feito por Amphiloquio Câmara, inspetor de ensino, e também divulgado por meio da imprensa local:

[...] Como ponto final, recommendo ao professor Gilberto Pinheiro, cujo interesse e Zêlo pelas cousas do ensino são de todos bem conhecidos, que se não esqueça de proceder mensalmente aos passeios escolares regulamentares, e chamo a sua atenção para o sotaque desagradavel de seus alumnos revelado durante a leitura. Grupo Escolar <Capitão Mór Galvão>, em Curraes Novos, 6 de Julho, de 1918 (a.) Amphiloquio Carlos Soares da Camara – Inspector de Ensino. (Pelo ensino – visitas escolares- Grupo Escolar Capitão Mór Galvão. *A Republica*, 07 de ago. 1918, n. 175, p. 01).

Tendo o objetivo de acabar com essa irregularidade, como mostra também o termo de visita do Grupo Escolar Padre Cosme, em São Miguel-RN, de 17 de julho de 1920, Amphiloquio Câmara, inspetor de ensino, declarava que:

Uma outra irregularidade, para a qual devo com muito interesse, como fiz pessoalmente, chamar atenção do preceptor é a que se refere á não realização dos passeios e festas ecolares, tão importantes á educação physica, mental e cívica dos alumnos, pondo-os em contacto com a natureza campeste e despertando e desenvolvendo nelles sentimentos morais e patrióticos. (Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Padre Cosme. *A Republica*, 11 de ago. 1920, n. 177, p. 01).

Como verificamos, nem sempre era possível realizar os passeios escolares, considerados base para o desenvolvimento tanto moral e intelectual quanto físico e mental dos alunos, e o não cumprimento dessa atividade extraescolar acarretava descontentamento por parte das autoridades de ensino as quais, assim que que inspecionavam os grupos escolares, registravam as irregularidades e se pronunciavam, a fim de acabar com essa atitude, considerada imprópria para a fundamentação dos preceitos modernos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a implantação dos passeios escolares, de acordo com o Regimento Interno dos Grupos Escolares, em vigor no ano 1913, no Rio Grande do Norte, um novo modo de aprender e de ensinar foi implantado. Tinha o objetivo de ensinar aos alunos sobre a cultura física, proporcionar lições de coisas e possibilitar a formação do caráter nacional do país, através de práticas efetivas de aprendizagem por meio da intuição (sentidos). Os passeios escolares tinham a função de relacionar a escola com a comunidade, estimulando os alunos a desenvolver seus próprios conceitos e opiniões sobre o que estavam vendo, tocando e sentindo no ambiente natural ou construído pelo homem.

Podemos observar, neste trabalho, a importância que os passeios escolares tiveram na vida dos alunos, e a preocupação que o governo do início do século XX tinha a respeito de implantar os passeios escolares, com a finalidade de ser uma autoridade de ensino para reforçar o que esses alunos estavam tendo dentro da sala de aula, e para aprender, com mais prática, sobre questões que estavam presentes fora da sala de aula.

A partir da observação, do contato com o ambiente, com a comunidade, os alunos desenvolviam e produziam novos conhecimentos. Além disso, os passeios escolares eram responsáveis por disseminar o conceito de ensino moderno, envolvendo a disciplina, a responsabilidade e a formação do caráter do aluno.

Os passeios escolares eram a continuação da aula dada nos grupos escolares, pelo de os alunos participarem, interagirem e receberem, pelos professores, os conhecimentos necessários sobre o ambiente visitado, tendo contato com o mundo e tirando suas próprias conclusões a respeito do que estavam presenciando. Para o ambiente escolar do ensino primário público do início do século XX, constituíram-se em uma inovação pedagógica.

Portanto, é impossível negar a importância que os passeios escolares tiveram na vida dos alunos e de toda a sociedade daquela época, já que era um novo método de aprendizagem que possibilitava os alunos se desenvolverem cada vez mais e de forma autônoma, conforme os procedimentos de aprendizagem pelos sentidos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Magnólia Fernandes F. de; PRAXEDES, Gutemberg de C.. A aula passeio da pedagogia de Célestin Freinet como possibilidade de espaço não formal de educação. **Ensino Em Re-Vista**, v. 20, n.1, p.243-250, jan./jun. 2013.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911 – 1930):** cultura escolar, civilização e escolarização da infância. Natal: Ed. UFRN, 2009.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos Grupos Escolares de Sergipe no início do século XX. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 93-115 – 2011.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Escola da ordem e do progresso: Grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte**. Brasília, 2012.

BASTOS, Maria Helena C. Método Intuitivo e lições de coisas por Ferdinand Buisson. **Hist. Educ.** vol.17 no.39 Santa Maria Jan./Apr. 2013. Acesso em: 13 de out., de 2014.

BEZERRILL, Simone da Silva. Imprensa e política: Jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da escravidão. SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, II. **Anais**. São Luís, 07 a 10 de junho de 2011. 12 p.

CALONGA, Maurilio D.O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? **Comunicação & Mercado**. Dourados, UNIGRAN, v. 01, n. 02, edição especial, p. 79-87, nov. 2012.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. Um ponto de vista geográfico nos manuais didáticos brasileiros: os passeios e as excursões escolares. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 10, n. 1, p. 93-105, 2008.

CASTRO, Elizabeth A. de. A arquitetura dos grupos escolares do Paraná na Primeira República. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 90, n. 224, p. 122-148, jan.-abr. 2009.

ERMEL, Tatiane de F. Grupo Escolar Fernando Gomes: a construção de novo espaço na cidade de Porto Alegre - RS (1913-1946). Congresso Ibero-Americano de História da Educação, IX. **Anais**. Rio de Janeiro, 16 a 19 de novembro de 2009.

FARIA FILHO, Luciano M. de. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

FARIA FILHO, Luciano M. de; VAGO, Tarcísio M. Entre relógios e tradições: elementos para uma história do processo de escolarização em Minas Gerais. In: VIDAL, D. G.; HILSDDRF, M. L. S. (Org.). **Tópicos em História da Educação**. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 117-136.

GOMES, Maria das Vitórias dos S.; ARAÚJO, Marta Maria de. Materiais pedagógicos de Escola de Criança. (Rio Grande do Norte, 1908-1930). IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. **Anais**. João Pessoa, 2012.

INSTRUÇÃO publica. **A República**. Natal, 20 de abr. 1914, n. 86, p. 02.

PELO ensino – Passeios Escolares. **A República**. Natal, 23 de ago. 1920, n. 187, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Fabricio Maranhão>. **A República**. Natal, 08 de jul. 1918, n. 149, p. 02.

PELO ensino- visitas escolares – Grupo Escolar Capitão Mór Galvão. **A República**. Natal, 07 de ago. 1918, n. 175, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares - Grupo Escolar “Padre Cosme”. **A República**. Natal, 11 de ago. 1920, n. 177, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares. Grupo Escolar “José Rufino”. **A República**. Natal, 17 de ago. 1920, n. 182, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Pedro Velho>. **A República**. Natal, 04 de jul. 1918, n. 146, p. 02.

PELO ensino – visitas escolares. **A República**. Natal, 21 de set. 1922, n. 207, p. 02.

PELO ensino. **A República**. Natal, 24 de ago. 1920, n. 188, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Moreira Brandão>. **A República**. Natal, 10 de maio. 1918, n. 104, p. 02.

Relatório de 15 de setembro de 1926 encaminhado ao Exmo. Sr. Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros. RIO GRANDE DO NORTE/Departamento de Educação. **Relatório do Departamento de Educação apresentado pelo Dr. Nestor dos Santos Lima**. Natal, 15 set. 1926. 43 fl. (Manuscrito).

RIO GRANDE DO NORTE. **Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado do Rio Grande do Norte**. Directoria Geral da Instrução Publica. Natal: Typ. Commercial - J. Pinto & C., 1914.

SILVA, Francisco Anderson Tavares da. Coleção Fotográfica Ministro Augusto Tavares de Lyra. (ano).

SILVEIRA, Luciana de A.; BONATO, Nailda M. da C. A arquitetura na interface com a educação: das escolas do Imperador às escolas de Anísio Teixeira. Congresso Ibero-Americano de História da Educação. IX. **Anais**. Rio de Janeiro, 16 a 19 de novembro de 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivos de corpos: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)**. [Tese de Doutorado]. Bragança Paulista, USF, 1999.